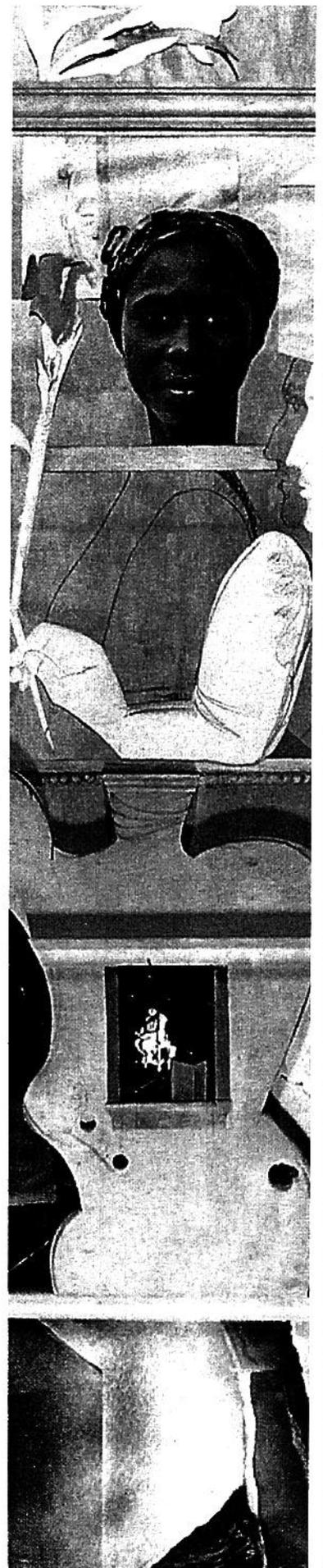
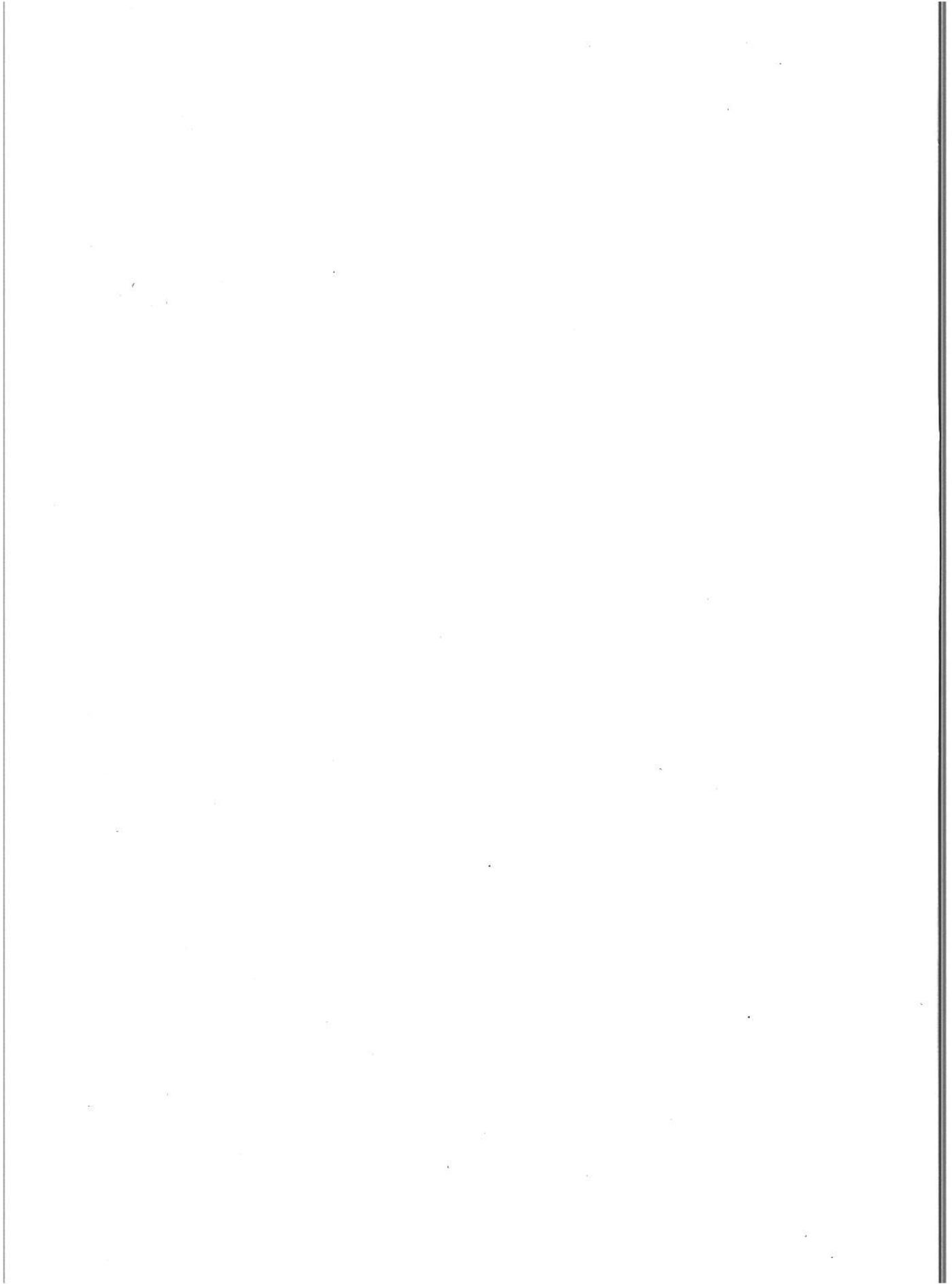


Parte I  
Dossiê Literaturas Africanas  
de Língua Portuguesa





# O pioneirismo político e literário da **Revista de Cabo Verde**

Helder Garmes\*

## Resumo

O presente artigo procura aprofundar alguns aspectos do universo literário cabo-verdiano da passagem do século XIX para o XX, tomando como referência o grupo de escritores envolvidos na publicação da **Revista de Cabo Verde** (1899). Essa revista cumpriu um importante papel na formação de identidade cultural e literária cabo-verdiana, sendo o primeiro periódico a revelar uma preocupação sistemática, e mesmo programática, em torno dos principais problemas culturais e políticos enfrentados tradicionalmente pelo arquipélago.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; Periódico; Revista literária; Cânone literário; Século XIX.

**É** consenso tomar a revista **Claridade**, de 1836, como o marco inaugural da literatura propriamente cabo-verdiana. Todavia, já desde o início da instalação da imprensa em Cabo Verde, em 1842, publicava-se literatura nos periódicos locais, sendo que a primeira publicação de caráter cultural só surgiu em 1899, intitulada **Revista de Cabo Verde**.

A **Revista de Cabo Verde** era uma publicação completamente voltada para os problemas das ilhas, apresentando um perfil literário e de ilustração, além de um teor político não declarado, mas sempre presente. Era uma folha mensal, depois, quinzenal, com sede na ilha de S. Vicente, que deu origem a 17 exemplares, de janeiro a dezembro de 1899.<sup>1</sup> Seu diretor foi Luís Loff e Vasconcelos, sendo Abílio da Cruz Madeira o editor. Apesar de inteiramente cabo-verdiana, a impressão era feita em Lisboa, na Imprensa de Libânio da Silva.

A publicação abre com uma homenagem ao então governador de Cabo Verde, João Cesário de Lacerda, e se propunha a criticar energicamente os problemas

\* Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> Nossa pesquisa se fundamenta nos exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa.

cabo-verdianos, o que efetivamente acabou por fazer. Tudo levava a crer que fora, ao menos inicialmente, apoiada pelo governador, com o intuito de fazer pressão junto à administração colonial portuguesa no sentido que melhorar as condições da colônia. Era também uma revista de notícias e literária. Assim se resumia na “Apresentação” o seu programa:

Passar em revista todos os assumptos de interesse geral para Cabo Verde, nos seus variados ramos: commercio, industrial, agricola e financeiro, e aborda desapaixonadamente todos os outros assumptos da vida economica e administrativa d’esta colonia, sem ferir ninguem, sem fazer politica geral ou partidaria, e muito menos local, por não estarem na natureza e indole d’esta publicação.

Vulgarisar conhecimentos, principios e informações uteis a Cabo Verde.

Estimular na provincia o gosto pela litteratura, para o que se reserva uma parte importante, relativamente, nas paginas d’esta Revista. (VASCONCELOS, 1899, p. 2-4).

Os propósitos da revista poderiam ser resumidos, portanto, em: crítica construtiva (isto é, crítica que visava soluções pragmáticas e não somente debates retóricos ideológicos, como era corrente), conhecimentos úteis e cultura literária. Cumpre à risca o seu programa. Estampa artigos com contundentes críticas à administração colonial e a certos aspectos do comportamento cultural da população cabo-verdiana. No artigo “A revista”, Eugênio Tavares (1899), ao comentar a aceitação por parte do público da nova publicação, observa:

[...] para que o publico applauda aquelle que, serenamente, desassombradamente, vem apontar erros e propôr emendas, é mister que esse publico não pertença nem ao numero dos que erram, nem ao dos que com o erro lucram.

E, infelizmente, em Cabo Verde, o que não fazem parte d’uma ou d’outra cousa, podem, como diz o povo, contar-se nos dedos.

Mas adiante emenda:

Não desanime, porém, o fundador da Revista; a atmonsphera dos combates é o verdadeiro elemento do homem forte. Não pôde haver triumphos sem que haja sacrificios. E, é a adversidade, é o rebolo onde os lidadores afiam o seu animo e temperam o aço da sua intransigencia.

Cobra do governo metropolitano maior coerência em sua relação com a colônia:

Dê-se-lhes instrucção e, depois, exija-se-lhes responsabilidades moraes.

Faculte-se-lhes trabalho, dê-se-lhes pão e, depois, exija-se-lhes contribuições.

Antes não, que se lhes fornece motivos, e elles analphabetos, de nos chamarem imbecis, a nós sabichões. Antes não, que, dos farrapos com que se cobrem, não se faz dinheiro com que pagar ao estado; que o sôro ignobil que a fome lhes injecta não é sangue que se derrame em prol da pátria. (p. 36-40)

A crítica de Eugênio Tavares é bastante dura não só em relação à administração da metrópole mas também em relação ao comportamento conformista da população cabo-verdiana. Isso fica mais evidente no artigo “Prudencias”, do terceiro exemplar da revista, quando Eugênio Tavares (1899) faz uma análise da psicologia do cabo-verdiano, caracterizando-o como dono de uma prudência bastante peculiar: umas vezes é a dono de uma abstenção digna da quem não quer enlamear-se; outra vez é pratica uma cumplicidade tácita de quem teme decidir-se. Cita, condenando a prudência cabo-verdiana, os casos de Cuba e da Irlanda:

Assim, por exemplo, quando olhamos para um paiz, como Cuba, lançando-se denodadamente á lucta em prol da sua independencia e que, alfim, a conquista, á custa de muito sangue, de enormes sacrificios; quando contemplamos esse povo vertendo sangue por mil feridas, mas hasteando, n’uma auréola de heroismo, a sua livre bandeira, sobre campos lambidos de incendios, juncados de cadaveres, fumegando pelos escombros a respiração acre das grandes devastações, nós, os homens da ordem e da obediencia passiva, murmuramos muito arripiados e verdadeiramente compadecidos: Desgraçado povo!

E, contrariamente, quando se nos vão olhos e corações para os espetaculos que offerecem algumas douradas escravidões e que contemplamos os povos habituados á gargalheira, arroteando tranquillamente os campos dos seus senhores, searas a ondular as aragens da paz, sob o imenso olhar azul do céu, campanarios a resarem ao longe, casaes a fumegarem o tenue fumo dos lares fartos; quando olhamos para a Irlanda, por exemplo, sem independencia, sem existencia que se erga do parasitarismo, sem emancipação para o espirito, sem futuro para a historia, sem possuir sequer a terra onde é enterrado, murmuramos sinceramente enlevados: *Felicissima gente!* (p. 77)

Eis aqui um implícito manifesto de independência política da colônia por parte de Eugênio Tavares e, conseqüentemente, por parte dos responsáveis pela revista. Vale lembrar que no periódico *A alvorada*, que Eugênio Tavares (1900) editaria no ano seguinte em New Bedford, Estados Unidos, o crítico avança na idéia de independência cabo-verdiana.

Em todos os paizes onde a liberdade tem culto; onde, ainda o miseravel que fadeja pelas ultimas camadas sociaes, alimenta, no mais intimo do peito, o sagrado sonho da independencia; onde os filhos pensam na maioridade e promovem á constituição do seu homem; em toda a parte onde ha homens que, sem envergonhar a humanidade, podem usar o nome de homens; dedica-se um bocado de tempo, consagra-se um parcella de talento ao culto da independencia.

O canadense manda um contingente para o horrivel crime do Transvaal, mas não se diz inglez. É canadense; tem existencia moral; amanhã terá existencia politica.

Cuba, durante annos, regou o seu solo incandescente com o sangue incandescente dos seus filhos. E os tagalos fazem ainda o seu papel no ultimo acto d’essa sangrenta tragedia que começou no porto de Manila por uma bella manhã de maio – pela destruição do oppressor, – e que ameaça acabar pela completa escravisação do opprimido. Nas colonias portuguezas, porém, quasi que se não pensa ainda n’essas bagatelas. É verdade que, Madeira e Açores, tiveram pelos beiços esse mel de ilhas adjacentes, um

osso para enganar a fome de independência. Cabo-Verde, Angola e Moçambique porém, é que ainda não pensaram n'essas futilidades.

Dá tanto trabalho!

E depois as responsabilidades! É tão bom a gente não as ter! Felizes os que tem quem lhes governe a casa. Comem um bocado em descanso; dormem um somno socegado. Isto de cuidados é o diabo. É depois os perigos? Cruzes! Venha a escravidão. Satisfaz às exigências moraes do povo? Parece que sim; está, pelo menos, parecendo.

N'um admiravel conto do escriptor Fialho d'Almeida, o papagaio ria-se, no seu cocho, do velho corvo a tiritar de frio e fome no beiral do telhado, por frígido inverno. Nós temos alguma coisa d'esse papagaio; não tão fartos; mas igualmente felizes e resignados com o cocho e a corrente. (p. 2)

E conclui o texto dizendo: "Havendo de ter o nosso Monroe: A Africa para os Africanos". Veja como não há qualquer equívoco em atribuir uma postura independentista a Eugênio Tavares e, por extensão, à **Revista de Cabo Verde**.

Também o poeta cabo-verdiano José Lopes da Silva (1899, p. 43-44) escreve um inflamado artigo intitulado "Deputados (para o povo)", que revela a insatisfação dos cabo-verdianos com os deputados que os representam nas cortes de Lisboa, tendo em vista que não são cabo-verdianos e não conhecem as dificuldades das ilhas. Propõe que lutem para eleger alguém da terra, que possa representá-los efetivamente.

Félix Monteiro, em "Páginas esquecidas de Guilherme Dantas", atribui o artigo "Leis de exceção" (publicado de forma anônima na **Revista de Cabo Verde**) a José Lopes da Silva e, contextualizando-o, comenta:

[...] em 1899, quando começou a publicar-se a **Revista de Cabo Verde** (S. Vicente), alguns leitores lembraram-se que, acima de tudo, se devia pleitear pela independência, enquanto outros se pronunciavam a favor da adjacência ou, então, por uma autonomia honrosa [...] nesse mesmo periódico (n. 14) o poeta José Lopes (que merece ser conhecido como jornalista) contestou contra determinada lei de exceção, manifestou "anseios de que algum dia, embora no derradeiro momento da vida, pudesse ter o prazer de ver estar pobres ilhas independentes e felizes" (*apud* FERREIRA, 1986, p. LXXVIII).

Além de tais críticas políticas e de comportamento cultural, há diversos artigos que sugerem soluções úteis e mesmo reformas no setor comercial, agrícola e industrial. Fica evidente que os colaboradores da publicação tinham uma postura política independentista que irá se refletir de algum modo na matéria de literatura ali presente. Se não chegaram a propugnar por uma forma revolucionária de literatura cabo-verdiana, valorizaram tudo aquilo que coloca em primeiro plano a identidade das ilhas.

## A MATÉRIA LITERÁRIA

Em matéria de literatura, a revista cria uma seção denominada “Caboverdianos Illustres”, na qual “vamos dar umas pequenas notas dos cabo-verdianos que mais têm distinguido na litteratura e na poesia, acompanhadas de alguns das suas produções”, publicando as biografias intelectuais de Guilherme A. da Cunha Dantas e de Luís Medina e Vasconcelos, dois escritores da primeira geração de românticos em Cabo Verde. Apesar das biografias serem pífias, valem pela reprodução de alguns textos dos referidos escritores.

Em crítica literária, num dos últimos exemplares da revista há um interessante artigo intitulado “Duas palavras”, de L. A. Évora, que ataca frontalmente os poetas simbolistas cabo-verdianos, seguidores de Verlaine, sem, contudo, dar nomes aos criticados. Isso revelava que o Simbolismo já começava a fazer ali alguma escola.

No âmbito da narrativa, foram publicados:

- um relato de viagem, assinado por L. Loff de Vasconcelos “Notas soltas de viagem – 1892 – Março – 16”;
- uma breve conto intitulado “O curandeiro d’aldeia”, do mesmo autor e diretor da revista, que narrava um caso de cura supostamente acontecido e explicado “cientificamente” pelo narrador;
- dois trabalhos do então falecido Luís Medina, “Uma pagina do livro do mundo – que vale a grandeza da obra, se não é grande quem a fez?”, que narrava com bastante graça um episódio de salão que ilustrava a máxima do título, e “Escrivães”, que tratava das falcatruas da referida classe;
- e um texto de maior fôlego, de Antônio de Arteaga, “Amores d’uma creola”, infelizmente incompleto, publicado na seção Folhetim, com ação ambientada em Cabo Verde. Segundo Manuel Ferreira (1987, p. 72), esse texto foi reeditado em *A Voz de Cabo Verde* (1911).

Os textos narrativos supracitados revelam um gosto especial pelo típico e pelo cotidiano, marcados claramente pelo gosto romântico. Mas um fato chama a atenção no conjunto de tais narrativas: é a ausência de traduções ou textos provenientes da metrópole, dando voz somente aos escritores locais que procuram ambientar suas narrativas na própria província. Isso contraria uma tendência bem marcada nas publicações colônias no decorrer do século XIX de mesclar autores locais com grandes nomes da literatura portuguesa ou da literatura européia em geral, como uma forma de qualificar literariamente a publicação. A exclusividade de escritores cabo-verdianos reforça a seriedade do projeto nativista da publicação.

Em matéria de crônica, tem lugar um texto de Januário Leite, de Paul, “Hora mystica”, dedicado ao amigo padre Júlio José Delgado, descrevendo o anoitecer,

e um texto de um certo Marques (1889), “Á roda Cabo Verde (Carta d’um *com-mis-voyageur*)”, infelizmente incompleto, que comentava a superpopulação de poetas nas ilhas e assim aconselhava a um seu amigo:

Se algum dia vier para aqui, aconselho-o que traga consigo uma arte poética, cem mil réis para papel selado, um conto de réis para multas, uma bycicleta para fugir ao fisco, um martelo para abrir caixotes na alfandega, uma caneta (porque a da alfandega está presa a um barbante) e boas botas d’agua para o desembarque, porque a escada da ponte-caes, não está grande coisa. (MARQUES, 1889, p. 7-8)

Foi esse o único texto literário que apresentou uma posição mais próxima do realismo português vigente na metrópole, condenando os excessos poéticos e pugnando por um espírito pragmático. Todos os outros se pautaram pelo romantismo convencional. De qualquer modo, o que mais nos interesse no referido texto é a crítica cáustica que faz às precárias condições de vida do cidadão cabo-verdiano. Isso, ao mesmo tempo que vem de encontro a projeto da revista de abordar os problemas presentes nas ilhas, elabora um estereotipo das condições de vida em Cabo Verde, o que colabora para a crescente representação literária da identidade cabo-verdiana – aqui tomada criticamente.

No âmbito da poesia, quem tem mais versos estampados na revista é Guilherme Dantas, morto havia alguns anos. De sua autoria, apareceram ali os seguintes trabalhos: “Soneto” (Impando de um almoço bem regado), “Resposta – A. C.”, “Flor ephemera”, “Souvenir” – A. Maria D.\*, com epígrafe de Alfred de Musset, e “A mademoiselle”, traduzido de Alfredo de Musset. A presença de Musset remete-nos ao ultra-romantismo francês e os poemas de Guilherme Dantas (1889) faziam justiça a tal classificação. Seus versos não causavam grande impressão, mas tinham forte apelo romântico. O curto poema “Resposta” (p. 15) nos dá tal medida:

Queres por força que eu diga  
no que penso, desviando  
meus olhares?... Rapariga,  
tenho medo... estou pensando...  
Tenho medo, sim! E scismo  
que minh’alma não se afoite  
a perder se n’esse abysmo  
de teus olhos côr de noite!...

Os outros poetas e poemas que aparecem na revista são:

- de José Lopes da Silva, “A tarde”, dedicados “á mimosa poetisa patricia, mademoiselle Gertrudes Ferreira Lima, de Santo Antão (A proposito d’uma pergunta da mesma, na Praia, em casa do Exmo. Sr. Augusto F. Fructuoso de Barros)”, com epígrafe de Byron;

- de uma “Humilde Camponesa” de Santo Antão, isto é, da própria Gertrudes Ferreira Lima, aparece “Ao meu inteligente compatriota Viriato Gomes da Fonseca (Distincto tenente d’artilharia)”;
- de Eugênio Tavares temos “Esperança”;
- de Antônio Januário Leite, umas “Horas sombrias (prefacio)”;
- de um certo A. de A., da cidade da Praia, deparamo-nos com “A uns olhos”, poema que, apesar de convencional, apresentava-se acima da média;
- assinado por Esculapio Africano, tinha lugar uma “Secção alegre”, com versos que satirizam a rivalidade das ilhas pela instalação da luz elétrica;
- de J. B. Alfama, uma quadra intitulada “O teu olhar”, dedicado “ao meu particular amigo Eugênio Tavares”.

Toda a poesia aqui publicada tem um forte acento ultra-romântico, distante do Realismo ou do Decadentismo que vigorava em Portugal. Destacava-se a Humilde Camponeza de Santo Antão, isto é, Gertrudes Ferreira Lima, provavelmente a primeira escritora cabo-verdiana. Vale notar o diálogo estabelecido entre poetas cabo-verdianos, o que aponta para a valorização de uma dinâmica literária autônoma em relação à metrópole, revelando-se aqui também uma exclusão de reprodução de poetas consagrados portugueses ou estrangeiros.

#### A PECULIAR POSIÇÃO DA REVISTA DE CABO VERDE

Quer pela postura política independetista de alguns de seus mais importantes colaboradores, quer pela exclusividade que dão aos escritores cabo-verdianos, a *Revista de Cabo Verde* se revela um primeiro projeto sério e militante da construção de uma identidade política e cultural cabo-verdiana. Apesar desse papel ser delegado à revista *Claridade* e ao grupo que a patrocinou (Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Baltazar Lopes, entre outros), aqueles que militaram nas páginas da *Revista de Cabo Verde* não só possibilitaram o surgimento da geração da *Claridade*, mas a antecederam em muitos aspectos fundamentais. Ao valorizar uma literatura de cunho cabo-verdiano, estimularam a produção local e colocaram de lado a tradicional submissão do colonizado em relação ao colonizador. Além disso, alguns dos escritores ali presentes, em especial Eugênio Tavares, cultivaram o crioulo cabo-verdiano como língua literária e deram-lhe legitimidade cultural. Tudo nos faz supor que aqueles que dela participaram constituíram a primeira geração com um ideário integralmente cabo-verdiano. Tal ideário fundamentava-se em dois eixos: 1) independência economia e política; 2) independência literária e cultural. Desse modo, anteciparam em muito a geração da *Claridade*.

Mas isso é pouco reconhecido pela historiografia literária de Cabo Verde. Manuel Ferreira, por exemplo, classifica a geração da *Revista de Cabo Verde* como um grupo de “colonizados”. Ao analisar o discurso dos poetas novecentistas, nota que: “[...] Era o discurso do rosto que desejou afirmar a sua fidelidade à Pátria, com se fosse um imperativo de consciência. E sendo um imperativo de consciência era também a expressão da consciência de uma geração à qual eles pertenciam”.

Ressalta, entretanto, o papel que cumpriram em seu momento histórico de dignificar a identidade cabo-verdiana:

Pedro Cardoso, José Lopes, Eugênio Tavares, nesse aspecto, nessa vertente colonial, foram o produto acabado de contexto histórico, social, cultural, ideológico, e esse contexto no natural cumprimento da sua função produziu uma consciência. Seríamos os últimos a condená-los. O seu discurso era pacífico, até o aparecimento da nova fase – a de 30 – que instaurou uma nova ordem literária. Não é demais afirmar que esses homens, segundo a perspectiva que a época permitia, não traíram o seu povo, a sua pátria. Ou, nesse caso, a sua Mãtria. Nenhum deles teria sido um revolucionário, pelo menos no sentido moderno do termo. Nenhum deles, verdadeiramente, sentira necessidade de contrariar a história. Mas todos quiseram e se esforçaram por dignificar o seu país. (FERREIRA, 1986, p. LXX-LXXI)

Notemos que Pedro Cardoso não colaborou na *Revista de Cabo Verde*, mas fez parte da mesma geração. Considerando que na literatura praticada por tais escritores havia poucos sinais de uma expressão independentista ou constestatória, Manuel Ferreira (1986) avalia que as idéias presentes na *Revista de Cabo Verde* foram passageiras: “Fumos da juventude, mas que as condições históricas, políticas, etc., terminaram por afogar? Parece que sim” (p. LXXVIII).

Apesar de reconhecer o papel inaugural da geração da *Revista de Cabo Verde* no que concerne à afirmação de uma cultura cabo-verdiana, Manuel Ferreira (1986) não consegue ver uma linha de continuidade entre ambos e marca o silêncio dos claridosos em relação aos seus antecedentes.

Vimos para trás como a pátria colonial desfrutava de uma omnipresença na poética da geração anterior à de *Claridade*. E, no entanto, de repente, o cenário imprevisto: em todos os aspectos do corpo gráfico da revista e do seu *corpus* literário; a ausência absoluta do passado, das figuras tutelares do passado, e, sinal do velho discurso, nada. Nem uma referência, nem a mais fugaz citação de um nome, de um livro, de um gesto ainda que agressivo. Pura e simplesmente a ocultação completa: a devoração pelo silêncio. E mais ainda: a ausência total (e Impressionante) da outra vertente do sistema: o colono e a rasura do nome de Portugal. Onde ficou a pátria portuguesa, a superpátria colonial? (p. LXXXII)

É fácil supor que o silêncio em relação à geração anterior diz muito. É tanto um ato de negação da relação literária cordial metrópole-colônia que se estabele-

cerca com o passar do tempo, quanto uma negação em recuperar um passado recente de idéias independentistas, por considerá-las já desqualificadas em suas formulações.

Mas, além disso, se lembrarmos que a relação nova sociedade e nova forma literária era uma equação fundamental para a mentalidade modernista, da qual partilhava a geração da *Claridade*, o referido silêncio diz muito sobre a dívida que os claridosos tinham com a geração anterior.

Manuel Ferreira considera que o grupo da *Claridade* aproximou pela primeira vez revolução social e revolução literária. Mas isso talvez não seja tão exato assim. Podemos considerar que a geração da *Revista de Cabo Verde* também procurou aproximar a proposta de uma nova ordem político-cultural com uma nova forma literária, na medida que valorizou a literatura local em detrimento da literatura da metrópole. Tal procedimento era, contextualmente, um grande passo para a afirmação de uma identidade literária local. Além disso, e com um sentido radical de unir transformação social e literária, deu dignidade literária e cultural ao crioulo, iniciativa da qual Baltazar Lopes será um exímio continuador. Todavia, a necessidade de ruptura de que estava imbuída a literatura modernista não podia ser maculada pelo reconhecimento de um continuísmo, e a geração da *Claridade* optou simplesmente por silenciar sobre o passado, fazendo tábula rasa de tudo que fora feito antes deles.

Por tudo isso, consideramos que a *Revista de Cabo Verde* encontra-se numa posição pioneira em relação à afirmação de uma identidade cultural e literária cabo-verdiana, estabelecendo uma ponte entre a manutenção de um ideário romântico e o ideário moderno então em formação. O conservadorismo estético a ela atribuído pode ser colocado em dúvida, como vimos, quando contextualizado. Pelo fato de seus colaboradores terem sido os primeiros a se preocupar com uma tradição literária cabo-verdiana, acabaram por construir um paradigma sólido de escritores cabo-verdianos que falavam da realidade de sua terra. É isso que faz da *Revista de Cabo Verde* uma pedra fundamental no processo de seleção da formação do cânone literário de Cabo Verde.

## Abstract

This article is a reflection on some aspects of Cape-Verde literature from the 19<sup>th</sup>-20<sup>th</sup> turn of the century. The reference is a group of writers who published in *Revista de Cabo Verde* (1899), a periodical that had an important role in the construction of Cape Verde literary and cultural identity. It was the first periodical with a systematic and programmatic concern for the traditional political and cultural problems of the archipelago.

Key words: Cape-Verde literature; Periodical; Literary review; Literary canon; 19<sup>th</sup> Century.

## Referências

- DANTAS, Guilherme. Resposta – A. C. In: *Revista de Cabo Verde*, 1889, n. 1, p. 15.
- FERREIRA, Manuel. *Clareza: revista de artes e letras*. 2. ed. (ed. fac-símile) Linda-a-Velha: ALAC, 1986.
- FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.
- MARQUES. Á roda de Cabo Verde (Carta d' um commis-voyageur). In: *Revista de Cabo Verde*, 1889, n. 4, p. 7-8.
- SILVA, José Lopes da. Deputados (para o povo). In: *Revista de Cabo Verde*, 1899, n. 2, p. 43-44.
- SILVA, José Lopes da. Leis de exceção. In: *Revista de Cabo Verde*, 1899, n. 14, p. 5-6.
- TAVARES, Eugênio. A Revista. In: *Revista de Cabo Verde*, 1899, n. 2, p. 36-40.
- TAVARES, Eugênio. Prudências. In: *Revista de Cabo Verde*, 1899, n. 3, p. 77.
- TAVARES, Eugênio. *A Alvorada*. New Bedford, 1900, p. 1-2.
- VASCONCELOS, Luís Loff e. Apresentação. In: *Revista de Cabo Verde*, 1899, n. 1, p. 2-4.